

## Cantos negros: a tradução de *Negro Spirituals* por Marguerite Yourcenar

Alex Rezende Heleno\*

**RESUMO:** A tradução de *Negro Spirituals* reunida sob o título de *Fleuve profond, sombre rivière* por Marguerite Yourcenar são composições produzidas pelos negros que, escravizados, vieram para os Estados Unidos. São cantos que expressam os sofrimentos causados pela violência do deslocamento, do trabalho forçado, das injustiças e da submissão, perpassados por uma mística religiosa. A tradução da autora objetiva aproximar o leitor, de língua francesa, dessas composições. A perspectiva de análise se situa, sobretudo, no campo dos Estudos Culturais.

Palavras-chave: tradução intercultural; escravidão; línguas.

**RÉSUMÉ:** La traduction de *Negro Spirituals* réunie sous la rubrique de *Fleuve profond, sombre rivière* de Marguerite Yourcenar sont des compositions produites par des noirs qui, esclavagés, sont venus aux États-Unis. Il s'agit des chansons qui expriment les souffrances causées par la violence du déplacement, du travail forcé, de l'injustice, de la soumission et, englobés par une mystique religieuse. L'objectif de l'auteur est d'approcher le lecteur, de langue française, aux compositions choisies. La perspective d'analyse se situe, surtout, dans le champ des Études Culturelles.

Mots-clés : traduction interculturelle ; esclavage ; langues.

O presente trabalho intenciona analisar a tradução realizada por Marguerite Yourcenar dos chamados *Negro Spirituals* tendo como perspectiva os Estudos Culturais. Buscar-se-á pensar a situação do negro escravizado diante dessa triste realidade. É a partir dessa condição que surgirão os cantos, que possuíam uma aura de religiosidade, de revolta, de tristeza etc. Os contatos entre as diferentes línguas se refletem na composição desses cantos.

Marguerite Yourcenar, autora de obras consagradas tais como *Mémoires d'Hadrien* e *L'oeuvre au Noir*, trilhou também alguns caminhos pelo mundo das

---

\* Doutorando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

traduções. Traduziu *Les Vagues* de Virginia Woolf, *Ce que savait Maisie* de Henry James, além de poemas de Constantin Cavafy e Yukio Mishima.

*Fleuve profond, sombre rivière* foi publicado em 1964 e reúne a tradução de 149 *Negro Spirituals*. A obra inicia-se pelos comentários da autora que faz uma breve explanação acerca da escravidão e do contexto em que foram produzidos os textos traduzidos. O livro é dividido por temas: *L'esclavage et la misère*, *L'Ancien et le Nouveau Testament*, *La prière et l'assemblée des fidèles*, *La fin du monde et l'Apocalypse*, *La mort et la promesse du ciel*, *Rondes, berceuses, ballades et blues* e, por último, *Chants de la liberté 1961-1964*.

A autora nos faz conhecer informações importantes acerca da história da escravidão nos Estados Unidos e o contexto em que viviam os negros que produziram os primeiros *Negro Spirituals*. As angústias, os sofrimentos e as injustiças da escravidão se refletem nos textos selecionados e traduzidos por Yourcenar.

Isabelle Collombat da Universidade Laval, Québec, Canadá, faz algumas considerações acerca da tradução realizada por Yourcenar. Ela cita Francesca Counihan que faz duras críticas ao dizer que Yourcenar não abandona sua formação eurocêntrica, o que traz prejuízos à tradução. A versão francesa, segundo Counihan, se utiliza de uma linguagem incoerente com o original.

Contudo, em *De olhos abertos: entrevistas com Matthieu Galey* (YOURCENAR, 1983), Yourcenar se justifica em relação à tradução dizendo que:

[...] li mais ou menos tudo o que se podia ler sobre o assunto, e isso é muito complicado, pois a maioria dos *negro spirituals* que ouvimos foram retocados, convencionalizados, frequentemente, para corresponder aos gostos do cantor. Todavia, há antigos textos que foram recolhidos, e estes são os mais interessantes. Alguns datam da Guerra de Secessão e foram compostos em um dialeto quase sempre cerrado. E, além disso, há dúzias de versões de cada *spiritual*, é preciso escolher... (p. 191)

Collombat diz ainda que os meios linguísticos usados pela autora contradizem seus objetivos, a saber: a defesa dos direitos civis dos Afroamericanos: “parece-me que a tradução não atingiu os objetivos que ela mesma determinou, haja vista que ela os expôs: lembremos, por exemplo, que alguns críticos a consideram como racista, embora

Yourcenar tenha inscrito o trabalho dentro do quadro de defesa dos direitos cívicos dos Afroamericanos”. (Collombat, 2003, p.71. Tradução minha<sup>1</sup>)

Ainda em resposta às perguntas de Matthieu Galey a autora diz que

Esses antigos *negro spirituals* foram compostos por pessoas separadas de seus universos, provenientes de tribos diferentes, falando línguas diferentes, tendo aprendido uma espécie de inglês básico, como se diz aqui, e, todavia, conseguem exprimir nesse idioma a dor, a morte, a piedade, o êxtase religioso e também as longínquas lembranças das iniciações indígenas, esse profundo individualismo do negro que vai para a montanha a fim de procurar seu Deus. Tudo isso é magnífico. Nas atroz condições da servidão, esse fervor foi uma espécie de dádiva divina. (YOURCENAR, 1983, p. 191-2)

Embora Yourcenar tenha usado em algumas passagens o termo *primitif* (e variações) para caracterizar o negro, e sabendo que tal palavra soa como preconceito de uma etnia sobre outra, tida desse modo como inferior, não devemos acusar a autora de preconceito, pois seu objetivo é justamente o contrário: denunciar as injustiças causadas pela escravidão a partir dos *negro spirituals*. O que se pode dizer (assim como Yourcenar dizia a alguns dos leitores de suas obras) é que faltou a autora conhecimentos mais aprofundados acerca dos estudos afroamericanos, o que poderia tê-la levado a optar pelo uso de palavras mais adequadas.

A passagem citada acima deixa clara a intenção da autora: a de levar ao leitor de língua francesa essas maravilhosas composições que fazem parte da História dessas “pessoas separadas de seus universos” e da História da humanidade e, assim, dissipar as atitudes de preconceito ou racismo a partir do uso inadequado de algumas palavras.

Collombat adverte ao final do artigo que ao colocar suas intenções superpostas ao texto original Yourcenar comete uma heresia do ponto de vista tradutológico. O artigo, no entanto, prioriza sobretudo a questão da tradução, dos mecanismos linguísticos, sem avaliar, contudo, o conteúdo dos poemas. Em relação às escolhas linguísticas feitas pela autora, temos a seguinte resposta à pergunta de Matthieu Galey, “Mas como traduzir os *negro spirituals* em uma língua que se aproxime da original?”:

---

<sup>1</sup> “[...] il semble que la traduction n’ait pas atteint les objectifs qu’elle s’était elle-même assignés, voire qu’elle les ait desservis : rappelons, par exemple, que certaines critiques la considèrent comme raciste, alors que Yourcenar avait inscrit sa démarche dans le cadre de la défense des droits civiques des Afro-américains.” (Collombat, 2003, p.71)

Era preciso encontrar uma língua popular que não fosse nem o limusino, nem o flamengo, nem o normando ou o provençal ou o bretão, mas que desse a impressão de ser imediatamente saída do povo. [...] Evidentemente, no caso dos *negro spirituals* há uma característica que de modo algum podemos transmitir: a força da voz negra. (YOURCENAR, 1983, p. 192)

A autora reconhece a dificuldade em encontrar essa língua que se aproxime da língua popular falada pelos negros daquele período. Língua essa que trazia em si a mistura do inglês “mal aprendido” com as línguas trazidas por esses povos do continente africano. O resultado era a possibilidade de comunicação entre os diversos povos vindos de diferentes regiões.

Além disso, a autora reconhece um dado fundamental ligado à tradução, que é a impossibilidade de transmitir “a força da voz negra”. A autora se justifica ainda dizendo que:

Pelo menos teremos servido de meio de difusão desses grandes poemas para um novo grupo de leitores, e isso é indispensável. Além do mais, três quartos do que lemos são tradução. [...] Estaríamos muito limitados se não dispuséssemos de traduções. Ao mesmo tempo, porém, trata-se de uma responsabilidade grave para o tradutor: a obra de outrem é colocada em minhas mãos, e sinto perfeitamente que não conseguirei jamais, dar tudo, transmitir tudo. (YOURCENAR, 1983, p. 193)

Em carta a Jean Ballard, (5 de agosto de 1951) Yourcenar diz ainda que em meio a uns poucos textos conhecidos, inseriu-se outros bastante desconhecidos pelo público e que são mais antigos, já quase esquecidos:

Eu, é verdade, coloquei em primeiro lugar na escolha que eu enviei a você dois ou três poemas bastante célebres, mas a grande parte dessa mesma escolha, como também do volume inteiro de onde eu os tirei, compõe-se de textos bastante desconhecidos, retirados de obras regionais [...] ou de certas obras antigas bem esquecidas. (YOURCENAR, 2007, p. 109. Tradução minha<sup>2</sup>)

---

<sup>2</sup> J'ai, il est vrai, placé en tête du choix que je vous avais envoyé deux ou trois poèmes fort célèbres, mais la plus grande partie de ce même choix, comme aussi du volume entier dont je l'ai tiré, se compose des textes fort peu connus, pris à des recueils régionaux [...] ou à certains ouvrages anciens assez oubliés. (YOURCENAR, 2007, p. 109)

Nos comentários, que constituem a primeira parte de *Fleuve profond, sombre rivière* a autora reafirma a importância da tradução em língua francesa:

O concerto e o filme familiarizaram o público europeu com a música do *Negro Spirituals*; suas letras, ao contrário, são menos acessíveis ao ouvinte de língua francesa, deslocado, mesmo se ele sabe o inglês, por suas formas dialetais próprias dos negros dos Estados Unidos (não deveria estar explicitado o ‘do Sul’?), essas palavras anglo-saxônicas foram transformadas e parecem ter sido liquefeitas pela voz calorosa dos homens de cor. (YOURCENAR, 1974, p. 7. Tradução minha<sup>3</sup>)

Yourcenar reconhece os limites da tradução, mas traz ao leitor de língua francesa a possibilidade de ter acesso às “palavras transformadas e fundidas pela voz calorosa dos homens de cor”. Isso vai a encontro do que nos diz Boaventura de Souza Santos, em “Para além do Pensamento Abissal”: “Tudo depende do uso de procedimentos adequados de tradução intercultural. Através da tradução, torna-se possível identificar preocupações comuns, aproximações complementares e, claro, também contradições inultrapassáveis.” (SANTOS, 2007, p. 30). Essa triste prática social da história da humanidade, que foi a escravidão, não pode ser, jamais, esquecida. A tradução permite, portanto, o diálogo entre culturas diferentes de modo a sensibilizar os diversos leitores para refletirem sobre tais eventos.

Dos comentários trazidos por Yourcenar, temos uma visão geral acerca do início do tráfico negreiro para os Estados Unidos, passando por breves citações acerca da Independência do país e da Guerra de Secessão; em seguida, expõe-se a abolição da escravidão e suas consequências para o negro, chegando, por fim, às previsões futuras com relação aos comportamentos e conflitos do homem frente ao homem.

Marc Ferro, em *História das colonizações: das conquistas às independências, séculos XIII a XX*, 1996, ressalta que a ordem das instituições permanece sem muitas alterações após a descolonização:

Ora, com frequência a descolonização limitou-se a uma troca de soberania. Substituição de um poder político por outro, decerto, mas

---

<sup>3</sup> Le concert et le film ont familiarisé le public européen avec la musique de *Negro Spirituals* ; leurs paroles au contraire restent moins accessibles à l’auditeur de langue française, dépaycé, même s’il sait l’anglais, par ces formes dialectales propres aux nègres des États du Sud, ces mots anglo-saxons transformés et comme fondus par la voix chaude des hommes de couleur. (YOURCENAR, 1974, p. 7)

todos os tipos de vínculos econômicos sobreviveram, perpetuando a antiga dependência sob outra forma e em benefício conjunto daquelas metrópoles e das novas ‘burguesias’ locais. (p. 38)

Quase um século após a independência dos Estados Unidos é que se deu a abolição da escravidão. Contudo, a libertação dos escravos não era a solução imediata para amenizar as condições de miséria e sofrimento dos negros. À abolição da escravatura se seguiriam longos períodos de lutas pela igualdade e longos períodos de intolerância racial.

Yourcenar profere que a escravidão “serviu de solução” em um país extremamente preocupado com a produção em grande escala e que na atualidade a “solução” se dá com a chegada de migrantes vindos de países em crise do leste europeu, da Ásia e da América Latina, tais como o México e Porto Rico. Ela se inquieta ainda com o resultado da automatização que substituirá grande parte dessa mão de obra. (Cf. YOURCENAR, 1974, p. 20-21). Percebe-se, portanto, que a luta por igualdade é algo constante.

Os *Negro Spirituals* trazem, em sua composição, essas relações de força que se dão no choque entre culturas, entre as imposições e o sofrimento impostos pelo branco e a tentativa do negro de se situar e organizar seu ser diante do caos, diante da solidão, diante da falta.

De acordo com Edouard Glissant, em *Introdução a uma poética da diversidade* (2005), “[...] o ventre do navio negreiro é o lugar e o momento em que as línguas africanas desaparecem [...]. / O que acontece com esse migrante? Ele recompõe, através de *rastros/ resíduos*, uma língua e manifestações artísticas, que poderíamos dizer válidas para todos” (GLISSANT, 2005, p. 19). Os *Negro Spirituals* são, portanto, esses “rastros/resíduos” que fazem surgir uma língua e manifestações artísticas que falam a todos. A espiritualidade é marcante nessas composições e se torna algo que não pode ser retirado do escravo pelo senhor escravagista.

Em relação às Igrejas, ao cristianismo, do qual os *Negro Spirituals* tiram grande parte da inspiração e fazem explícitos intertextos, percebe-se uma mistura de culturas, de línguas, de crenças e de experiências. Grande parte foi produzida em um período específico, podendo ser situadas entre 1810 e 1860, datas que coincidem com as primeiras esperanças de liberdade. (Cf. YOURCENAR, 1974, p. 33)

E mesmo as origens dessa crença que se transmite através dos *Negro Spirituals* possuem fontes diversas. De acordo com Yourcenar além do animismo africano e do evangelismo convulsionário de seitas cristãs, há também a influência de místicas da Inglaterra dos séculos XVII e XVIII. (Cf. YOURCENAR, 1974, p. 57). Essas crenças serão adaptadas ao contexto de sofrimento e injustiça ao qual o negro estava submetido.

O resultado dessa interação, mesmo que de forma desigual, haja vista as imposições e a desigualdade com que cada cultura contribuía para a composição dos cantos, é imensamente expressiva e acentua a busca para dar visibilidade à História do negro:

Dentro desse dialeto tão particular, a despeito ou talvez por causa dos obstáculos de uma língua estrangeira, recebida dos seus mestres com os primeiros rudimentos da escravidão, frequentemente nova para eles e imperfeitamente aprendida na época em que alguns dos grandes *Spirituals* foram cantados pela primeira vez, o poeta afro-americano conseguiu exprimir, com uma intensidade e uma simplicidade admiráveis, seus sonhos e os de sua raça, sua resignação, e mais secretamente sua revolta, suas profundas dores e suas simples alegrias, sua obsessão pela morte e sua percepção de Deus. (YOURCENAR, 1974, p. 7. Tradução minha<sup>4</sup>)

De acordo com Paul Gilroy (em *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*), “[a] história do Atlântico negro fornece um vasto acervo de lições quanto à instabilidade e a mutação de identidades que estão sempre inacabadas, sempre sendo refeitas” (GILROY, 2001, p. 30) e, que, por conseguinte:

Seu avanço do *status* de escravos para o *status* de cidadãos os levou a indagarem quais seriam as melhores formas possíveis de existência social e política. A memória da escravidão, ativamente preservada como recurso intelectual vivo em sua cultura política expressiva, ajudou-os a gerar um novo conjunto de respostas para essa indagação. Eles tiveram de lutar – muitas vezes por meio de sua espiritualidade – para manterem a unidade entre a ética e a política, dicotomizadas pela insistência da modernidade em afirmar que o verdadeiro, o bom e o belo possuíam

---

<sup>4</sup> Dans ce patois si particulier, en dépit ou peut-être à cause des obstacles d’une langue étrangère, reçue de ses maîtres avec les premiers rudiments de l’esclavage, souvent nouvelle pour lui et imparfaitement apprise à l’époque où certains des grands *Spirituals* furent chantés pour la première fois, le poète afro-américain a réussi à exprimer, avec une intensité et une simplicité admirables, ses rêves et ceux de sa race, sa résignation, et plus secrètement sa révolte, ses profondes douleurs et ses simples joies, son obsession de la mort et son sens de Dieu. (YOURCENAR, 1974, p. 7)

origens distintas e pertenciam a domínios diferentes do conhecimento. (GILROY, 2001, p. 99)

A espiritualidade continua sendo uma forma de luta para as populações negras de diversas partes do mundo. As memórias resgatadas através dos ritos, dos mitos e das artes ajudam a possibilitar maior visibilidade à história dessas populações. As interações culturais, a apropriação e reformulação das experiências e as imposições sofridas pelo negro atestam “a continuidade entre arte e vida”,

Em oposição à suposição do Iluminismo de uma separação fundamental entre arte e vida, essas formas expressivas reiteram a continuidade entre arte e vida. Elas celebram o enraizamento em outras dimensões da vida social. A estética particular que a continuidade da cultura expressiva preserva não deriva da avaliação imparcial e racional do objeto artístico, mas de uma contemplação inevitavelmente subjetiva das funções miméticas de apresentação artística nos processos de lutas rumo à emancipação, à cidadania e, por fim, à autonomia. (GILROY, 2001, p. 129)

Dar visibilidade à história dos negros é um modo de impedir que certos preconceitos, muitos ainda atuais, continuem fazendo vítimas pelo mundo. De acordo com Yourcenar: “Em qualquer parte da tradição do Mundo Antigo, encontramos aqui e ali formas meio grotesca meio patética do ‘negro’”. (YOURCENAR, 1974, p. 9. Tradução minha<sup>5</sup>). Essa passagem vai ao encontro do que nos relata Frantz Fanon em *Peles negras, máscaras brancas*, inclusive, mesmo, nas imagens dispostas na capa e na contracapa do livro. Essa visão do negro reforça a dicotomia ainda existente quando se relacionam negros e brancos:

O negro, o obscuro, a sombra, as trevas, a noite, os labirintos da terra, as profundezas abissais, enegrecer a reputação de alguém; e, do outro lado: o olhar claro da inocência, a pomba branca da paz, a luz feérica, paradisíaca. [...] Na Europa, isto é, em todos os países civilizados e civilizadores, o negro simboliza o pecado. O arquétipo dos valores inferiores é representado pelo negro. (FANON, 2008, p. 160)

---

<sup>5</sup> “Où qu’on aille dans les traditions de l’Ancien Monde, on rencontre ça et là forme mi-grotesque et mi-pathétique du « nègre »”. (YOURCENAR, 1974, p. 9.)

Analisar a tradução desses cantos nos mostra a riqueza cultural existente, mesmo nesse contexto de privação, de proibição e de imposição. Riqueza artística que é um exemplo de diálogo entre culturas diferentes. Para Édouard Glissant:

A *Neo-América* (que corresponde à América da criouliização), seja no Brasil, nas costas caribenhas, nas ilhas ou no sul dos Estados Unidos, vive a experiência real da criouliização através da escravidão, da opressão, do desapossamento perpetrados pelos diversos sistemas escravocratas, cuja abolição se estende por um longo período (mais ou menos de 1830 a 1868) e, através desses desapossamentos, dessas opressões e desses crimes realiza uma verdadeira conversão do “ser”. (GLISSANT, 2005, p. 18)

Os *Negro Spirituals* mostram como o negro soube lidar com diferentes culturas e línguas elaborando uma composição capaz de comunicar e pôr em relação as diferentes situações experienciadas.

A seguir, serão apresentados alguns trechos desses cantos a serem analisados de acordo com o exposto acima. Da primeira parte, intitulada *L’esclavage et la misère*, percebemos, nas composições, relatos dos sofrimentos causados pela escravidão e pela miséria:

AVANT L’POINT DU JOUR...<sup>6</sup>

L’patron, i’ va t’ vendre, oh, oh, oh !

I’ va t’faire expédié aux champs,

Avant l’ point du jour...

File, file, file ! Avant le point du jour !

File, file, file ! Avant le point du jour ! (YOURCENAR, 1974, p. 69)

As elisões, de acordo com Yourcenar, fazem uma aproximação com a língua popular falada pelo escravo. A situação relatada acima é a da venda do escravo para ser enviado às *plantations*. Longas filas de escravos se formavam num mercado de compra e venda de seres humanos.

---

<sup>6</sup> ANTES DO FIM DO DIA: O patrão vai te vender oh, oh, oh!/Ele vai te enviar para os campos,/Antes do fim do dia.../Fila, fila, fila! Antes do fim do dia!/ Fila, fila, fila! Antes do fim do dia! (Tradução minha)

Alguns dos cantos trazem eventos cômicos que mostram a esperança do negro em conseguir a liberdade a partir de uma promessa do branco, mas que é frustrado, muitas vezes, pelo não cumprimento de tal promessa. A composição seguinte diz que os escravos serão libertos após a morte da patroa, mas eles temem que ela viva por muito tempo, o que os deixaria na mesma condição de escravos:

FAIS BOUILLIR LES CHOUX VERTS...<sup>7</sup>

[...]

Not' patronne promettait

D' nous mettre en liberté

De par son testament...

Pas d' sottises, la fille, pas d' bêtises,

Fais bouillir les choux blancs...

Mais v'la qu'elle vit si vieille

Que p't-êt' elle n'mourra pas,

Veut plus changer d'état...

[...]

(YOURCENAR, 1974, p. 71)

No segundo tema, intitulado *L'Ancien et le Nouveau Testament*, percebemos intertextos explícitos com passagens da Bíblia. Temos uma versão adaptada pelos compositores que abordam os eventos bíblicos a partir da situação vivenciada por eles. O exemplo a seguir é bastante característico:

DESCENDS, MOÏSE...<sup>8</sup>

Descends, Moïse, et va vers le rivage,

Parle au vieux roi du peuple égyptien,

---

<sup>7</sup> FAÇA COZER OS REPOLHOS VERDES... [...] Nossa patroa prometia/Nos colocar em liberdade/Em seu testamento.../Nada de asneira, filha, nada de besteira,/Faça cozer os repolhos brancos.../ Mas vai que ela viva muitos anos/Que talvez ela não morra,/Não queira mais mudar de estado... (YOURCENAR, 1974, p. 71. Tradução minha.)

<sup>8</sup> DESÇA, MOISÉS... Desça Moisés, e vá em direção à costa,/Fale ao antigo rei do povo egípcio/Diga-o que Deus te livrou da escravidão/Diga-o: nosso Deus vai libertar os seus! [...] (Yourcenar, 1974, p. 94. Tradução minha.)

Dis-lui que Dieu t'a sorti d' l'esclavage,  
Dis-lui : not' Dieu va délivrer les siens !  
[...] (YOURCENAR, 1974, p. 94)

A libertação dos escravos no Egito, por Moisés, traz a esperança da liberdade dos negros escravizados na América. Eles creem na possibilidade de serem libertados por Deus.

Em outro texto, retirado também desse mesmo tema, temos uma associação do sofrimento de Cristo com o sofrimento do negro e a indignação diante de tamanha injustiça:

PAUV' P'TIT JÉSUS...<sup>9</sup>  
[...]  
Pauv' p'tit Jésus,  
Gloire à Dieu !  
I' l'ont vendu,  
Gloire à Dieu !  
I' l'ont battu,  
Gloire à Dieu !  
I' l'ont pendu,  
C'est-y pas affreux ?  
[...] (YOURCENAR, 1974, p. 118)

Assim como Jesus, o negro foi vendido, violentado e enforcado, de forma atroz, pelo próprio homem.

Em *La prière et l'assemblée des fidèles*, temos orações dirigidas a Deus suplicando a salvação e suplicando dias melhores. Há referências à terra prometida, símbolo da salvação e da libertação:

---

<sup>9</sup> POBRE PEQUENINO JESUS... [...] Pobre pequenino Jesus,/Glória a Deus!/Eles o venderam,/Glória a Deus!/Eles o feriram,/Glória a Deus!/Eles o penderam,/Isso não é terrível? [...] (YOURCENAR, 1974, p. 118. Tradução minha.)

J'AI DES SOUCIS...<sup>10</sup>

O Jésus, mon sauveur, ô Jésus, j' compte sur toi,  
Au milieu d' mes soucis, d' mes chagrins, d' mon effroi,  
Dans la nuit d' l' esclavage, j' me suis tourné ver toi.  
[...]

(YOURCENAR, 1974, p. 156)

O contexto da escravidão é frequente. No poema *Orphelin*, a seguir, vemos, também, a solidão do escravo privado de sua terra, de sua casa, e de sua família. O trecho “un enfant sans mère” (uma criança sem mãe) nos leva a acreditar que se trata da separação do escravo de sua família, para não haver comunicação entre os escravos, e também a separação do escravo de sua terra-mãe:

ORPHELIN<sup>11</sup>

Quéqu' fois, j' me sens comme un enfant sans mère,  
Loin d' la maison,  
Tout seul, tout sombre, avec ma peine amère,  
En tout saison...

[...]

(YOURCENAR, 1974, p. 157)

A dor, o sofrimento, a solidão sempre constantes marcam a vida do negro que se refugia, muitas vezes, na espiritualidade e na crença da salvação para se reconfortar.

Em *La fin du monde et l'Apocalypse*, textos que fazem referência ao Apocalipse bíblico, temos, por exemplo, a crença de que o sofrimento será recompensado com um pós-morte melhor, e que aqueles que causaram sofrimento serão levados para o inferno:

ROCHER DES ÂGES<sup>12</sup>

L' pauv' Lazare, un pauv' type comme moi,  
Il n' a plus peur, il n' a plus froid ;

---

<sup>10</sup> EU TENHO INQUIETAÇÕES... Ó Jesus, meu salvador, ó Jesus, eu conto com você/Entre as minhas inquietações, entre as minhas lágrimas, entre os meus temores,/Na noite da escravidão, eu fui em sua direção. (YOURCENAR, 1974, p. 156. Tradução minha.)

<sup>11</sup> ÓRFÃO: Algumas vezes, eu me sinto como uma criança sem mãe,/longe de casa,/Sozinho, sombrio, com meu castigo amargo,/Em todas as estações [...] (YOURCENAR, 1974, p. 157. Tradução minha.)

<sup>12</sup> ROCHA DOS TEMPOS: O pobre Lázaro, um pobre tipo como eu,/Não tem mais medo, não tem mais frio;/Depois que ele foi morto, ele dormiu./Ao abrigo, no coração da rocha./(Você entra?)/O malvado rico, é o inferno que o aguarda./ Vivo, ele se dava o melhor./Quando morrer, vai queimar! [...] (YOURCENAR, 1974, p. 193. Tradução minha.)

D'puis qu'il est mort, il est couché,  
À l'abri, au coeur du rocher.

(Vous saisissez ?)

L'mauvais riche, c'est l'Enfer qui l' prend.

Vivant, il s' donnait du bon temps.

Quand il est mort, ça va chauffer !

[...] (YOURCENAR, 1974, p. 193)

A morte aparece com mais frequência em *La mort et la promesse du ciel*. Preferir a morte à escravidão aparece claramente no texto intitulado *Tombeau d'esclave*. As injúrias, os sofrimentos causados pelo “senhor de escravo” não causarão medo após a morte:

TOMBEAU D'ESCLAVE<sup>13</sup>

Oh, le pauv' vieil esclave, 'l a fini d' travailler ;

'l était esclave ici,

Mais 'l est libre où il est ; faudrait pas l' réveiller

Sur l' bord du Tennessee !

Il a fini d' trimer, et d'écouter brailler

L' maître, l' intendant aussi ;

Rien n' peut plus l'effrayer, rien n' peut plus l' chagriner

Au bord du Tennessee !

[...] (YOURCENAR, 1974, p. 234)

Para finalizar a exposição de alguns trechos dos *Negro Spirituals* tomaremos o texto *Vantardise*, que faz parte do tema *Rondes, berceuses, ballades et blues* e que mostra a revolta da escrava contra sua patroa:

---

<sup>13</sup> TÍTULO DE ESCRAVO: Oh, o pobre velho escravo, ele findou o trabalho;/Ele era escravo aqui,/Mas ele é livre onde está; não é necessário acordá-lo/Às margens do Tennessee!/Ele deixou de arrastar as correntes, e de ouvir vociferações/Do mestre, do intendente também;/Nada mais pode o aterrorizar, nada mais pode o magoar/ Às margens do Tennessee! (YOURCENAR, 1974, p. 234. Tradução minha.)

#### VANTARDISE<sup>14</sup>

...J'irai chez la patronne, j'prendrai la pierre d'une meule.

J'irai chez la patronne ; la patronne est toute seule.

Elle est encore couchée, et j'lui casserai la gueule...

[...] (YOURCENAR, 1974, p. 254)

Os textos reunidos na tradução realizada por Yourcenar são de grande importância para pensarmos a relação entre culturas, para darmos visibilidade à história de sofrimento do negro e às injustiças que se perpetuam. Os textos artísticos são uma forma de desalienação do negro e contribuem para repensar o passado e problematizar o futuro.

As composições aqui apresentadas explicitam que “sob a ideia-chave da diáspora, nós poderemos então ver não a ‘raça’, e sim formas geopolíticas e geoculturais e vida que são resultantes da interação entre sistemas comunicativos e contextos que elas não só incorporam, mas também modificam e transcendem” (GILROY, 2001, p. 25).

Em 1983, em entrevista com Mathieu Galey, Yourcenar diz que o preconceito contra o negro ainda existe na sociedade americana de forma bastante explícita. A resposta à pergunta: “E o outro racismo, em relação aos negros, que existe aqui?”, diz que:

[...] é muito difícil, aqui, encontrar alojamento para um negro de passagem. Ninguém lhe diz francamente não; respondem-lhe que têm outros locatários ou que esperam familiares. E quem aloja um amigo negro em casa é malvisto. (YOURCENAR, 1983, p. 258)

As injustiças e os preconceitos ainda existem nos Estados Unidos e em grande parte do mundo. Conhecer as diferentes histórias e as diferentes culturas deve ser um meio de colocá-las em relação, em diálogo, para que se possam evitar os preconceitos.

---

<sup>14</sup> VANGLORIAR-SE: ... Eu irei à casa da patroa, pegarei uma pedra da rua./Eu irei à casa da patroa; a patroa está sozinha./Ela ainda dorme, e eu esmagarei a cara.../ (YOURCENAR, 1974, p. 254. Tradução minha)

Yourcenar finaliza a primeira parte dos comentários do livro (acerca da história das injustiças do homem sobre o homem) com algumas considerações:

O drama de antes de ontem ou de ontem era a escravidão, em seguida as sequelas econômicas desta; o drama, hoje, é aqui, bem como em todo lugar, a fomentação consciente e organizada da hostilidade do homem para com o homem; e acima de tudo dessa forma endêmica do ódio que é o racismo. (YOURCENAR, 1974, p. 29. Tradução minha<sup>15</sup>)

Em 1974, em nota acrescida à edição de 1966 (data da primeira edição do livro), a autora cita alguns eventos que acirraram ainda mais os preconceitos raciais nos Estados Unidos, tais como o assassinato de Martin Luther King, a revolta dos guetos, a apatia do governo federal e da opinião pública no que concerne a execução de leis escolares para permitir aos negros escolas melhores, etc. Tais eventos, segundo Yourcenar “tornaram a reconciliação das duas raças mais dura, senão impossível, no futuro próximo. O futuro distante talvez não prometa nada melhor” (YOURCENAR, 1974, p. 30. Tradução minha<sup>16</sup>).

As expectativas de Yourcenar para o futuro não eram as melhores e, infelizmente, muitas se confirmaram. O século XXI vivencia experiências traumáticas de guerras religiosas e étnicas absurdas. Tais conflitos têm resultado em um contingente cada vez maior de refugiados fugindo de países em conflitos e se dirigindo a diversas partes do mundo, sobretudo, à Europa.

Diversas populações se dirigem ao norte do continente africano para atravessar o mar mediterrâneo e alcançar a Europa. Embarcações clandestinas e em péssimas condições fazem o transporte dessa população. Muitos naufrágios têm causado a morte de centenas de pessoas nos últimos anos.

As políticas para resolver tais questões se fazem lentas e se baseiam sempre em questões econômicas, deixando de lado as questões humanitárias. A Europa vira as costas àquelas populações que por tanto tempo explorou. Portanto, é preciso, mesmo diante das difíceis situações vividas, acreditar que “[...] somente uma poética da

---

<sup>15</sup> Le drame d'avant-hier ou d'hier était l'esclavage, puis les séquelles économiques de celui-ci ; le drame d'aujourd'hui est ici comme partout la fomentation consciente et organisée de l'hostilité de l'homme pour l'homme ; et avant tout de cette forme endémique de la haine qu'est de nos jours le racisme. (YOURCENAR, 1974, p. 29)

<sup>16</sup> Ont rendu la réconciliation de deux races plus ardue, sinon impossible, dans le prochain avenir. L'avenir éloigné ne promet peut-être pas mieux (YOURCENAR, 1974, p. 30.)

Relação, ou seja, um imaginário, que nos permitirá ‘compreender’ essas fases e essas implicações das situações dos povos no mundo de hoje, nos autorizará talvez a tentar sair do confinamento ao qual estamos reduzidos” (GLISSANT, 2005, p. 28-29).

A relação de sobreposição e imposição de um continente sobre o outro, que fez vigorar a escravidão por tanto tempo, precisa se tornar uma relação de diálogo entre iguais, para que as diversas culturas e histórias sejam valorizadas.

É preciso compreender e respeitar a multiplicidade do mundo. Estabelecer relações igualitárias entre as diferentes nações e etnias para haver o respeito ao outro. Portanto, em tom de prece, ou em tom de sermão lírico, como o faziam os *Negro Spirituals*, desejamos, juntamente com Frantz Fanon,

Que jamais o instrumento domine o homem. Que cesse para sempre a servidão do homem pelo homem. Ou seja, de mim por um outro. [...]

O preto não é. Não mais do que o branco.

Todos os dois têm de se afastar das vozes desumanas de seus ancestrais respectivos, a fim de que nasça uma autêntica comunicação. Antes de se engajar na voz positiva, há a ser realizada uma tentativa de desalienação em prol da liberdade. [...]

Superioridade? Inferioridade?

Por que não simplesmente não tentar sensibilizar o outro, sentir o outro, revelar-me outro?

[...]

Minha última prece:

Ô meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona! (FANON, 2008, p. 190-191)

## Referências bibliográficas<sup>17</sup>

COLLOMBAT, Isabelle. « Traduire ou ne pas traduire : *Fleuve profond, sombre rivière* de Marguerite Yourcenar » (2003), dans *GRAI* (revue éditée par l'Association culturelle ALUMAR, Bistrita, Roumanie), n° 6, 4/2003, pp. 60-75.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. – Salvador: EDUFBA, 2008.

FERRO, Marc. *História das colonizações: das conquistas às independências, séculos XIII a XX*. Tradução Rosa Freire D'Aguiar. – São Paulo: Companhia da Letras, 1996.

GILROY, PAUL. *O Atlântico Negro : modernidade e dupla consciência*. Tradução de Cid Knipel Moreira. – São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Tradução Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.

YOURCENAR, Marguerite. *Fleuve profond, sombre rivière : les « Negro Spirituals » commentaires et traductions*. France : Gallimard, 1974.

YOURCENAR, Marguerite. *De olhos abertos: entrevistas com Matthieu Galey*. Tradução de Júlio Castanõn. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

YOURCENAR, Marguerite. *Marguerite Yourcenar: Lettres à ses amis et quelques autres*. Édition établie, présentée et annotée par Michèle Sarde et Joseph Brami avec la collaboration d'Elyane Dezon-Jones. France : Éditions Gallimard, 2007.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 78, Outubro de 2007, p. 3-46.

Data de envio: 14-10-2015.

Data de aprovação: 16-11-2015.

Data de publicação: 05-2-2016.

---

<sup>17</sup> Outras informações, além da audição de alguns desses *Negro Spirituals*, podem ser acessadas pelo site: <http://www.negrospirituals.com/index.html>. Um histórico acerca da origem dos *Negro Spirituals* pode ser visto em vídeo disponibilizado no YouTube: “Slave Songbook: Origin of the negro Spiritual” [https://www.youtube.com/watch?v=8zeshN\\_ummU](https://www.youtube.com/watch?v=8zeshN_ummU).